

Conversas entre a língua portuguesa e a francesa – uma reflexão a partir de uma instituição francófona no Estado de São Paulo.

Claudia de Mendonça CASCAPERA ¹

RESUMO: Este trabalho, uma comunicação elaborada a partir dos dados obtidos na pesquisa em nível de mestrado da área de linguagem e educação², tem como objetivo a discussão de aspectos relevantes do ensino de língua portuguesa em uma instituição estrangeira em São Paulo. Nesta instituição, a língua oficial é a francesa, o currículo, é o indicado pelo ministério da educação francês, e os alunos são franceses, brasileiros, franco-brasileiros e alunos de outras nacionalidades que por vários motivos residem hoje no Brasil. Neste local, é possível observar como as diversidades lingüística e cultural podem se relacionar trazendo resultados positivos para os sujeitos envolvidos.

A pesquisa de campo foi realizada nos anos de 2005/2006 na educação infantil desta instituição, mais especificamente em uma sala de aula de *moyenne* e *grande section*, e, contém observações sistemáticas, depoimentos e entrevistas. A discussão das questões levantadas foi feita à luz de conceitos importantes de autores como Jean Biarnès, Claude Hagège, Jean Duverger, entre outros.

Assim, neste contexto, é importante ressaltar que a diversidade de uma sala de aula como riqueza que, quando suficientemente bem aproveitada pelo professor, pode promover a criatividade e, conseqüentemente, o aprendizado tanto da primeira língua quanto da própria Língua Portuguesa (quando esta não for a primeira língua do aluno).

PALAVRAS-CHAVE: educação; bilingüismo; identidade.

I – O trabalho.

No ano de 2002, ao cursar o segundo ano da graduação da Faculdade de Pedagogia da Universidade de São Paulo (FEUSP), fui chamada para trabalhar em uma Instituição Francesa de ensino, no Estado de São Paulo. Neste local, fiquei encantada com um mundo diferente de tudo o que eu conhecia em termos educação. Alí era um lugar onde as pessoas falavam línguas diferentes e onde crianças podiam passar de uma língua à outra de maneira natural.

¹ Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP

Endereço para correspondência: Rua Leônidas Vilhena Carvalho, 30 – Jardim Jabaquara – CEP: 04385-070, São Paulo, SP, Brasil. Endereço Eletrônico: claudia.cascapera@gmail.com

² Mestrado realizado na Faculdade de Educação na Universidade de São Paulo com início em fevereiro de 2006 e término previsto para fevereiro de 2009.

Com o passar do tempo, algumas coisas começaram a chamar minha atenção, e, então passei a observar algumas crianças em especial. Durante o meu trabalho como auxiliar de ensino desta instituição, mais especificamente durante os anos de 2005 e 2006, tive um contato muito interessante com a diversidade lingüística da escola, assim, considerando que a escola segue o currículo francês e que possui alunos franceses, brasileiros, franco-brasileiros e alunos de outra nacionalidade que por diversos motivos residem no Brasil, surgiram questões, tais como: Essas crianças conseguem aprender em uma outra língua ao mesmo tempo em que precisam dominá-la para realizar tal aprendizado? A língua estrangeira pode ser um obstáculo à aprendizagem da criança?

Neste contexto, é importante ressaltar que na instituição de ensino onde a pesquisa de campo para o mestrado foi realizada, a língua falada pelos professores dentro da sala de aula é o francês, assim como o currículo da escola segue as normas do ministério da educação deste país, com as adequações necessárias por ser uma escola “estrangeira”. Nela, existem aulas de educação física e música ministradas em português além da própria aula de língua portuguesa. Para os alunos franceses que chegam ao Brasil durante o ano letivo, é oferecido um curso de *Portugais Accueil*, onde podem aprender noções básicas desta língua. Esse curso é oferecido fora do horário de aula.³

A fim de compreender a realidade da instituição pesquisada, julgamos de extrema importância os trabalhos do professor Jean Duverger, responsável por muito tempo pela formação de professores das escolas francesas no estrangeiro, em sua obra *L'enseignement en classe bilingue*, do lingüista Claude Hagège, nascido em Cartago, e hoje professor do renomado *Collège de France*. Fizemos uso também do trabalho do Professor Jean Biarnès em sua obra *Universalité, diversité, sujet dans l'espace pédagogique*, onde o autor discute entre outros assuntos: o papel da escola hoje, que escola é essa e o seu futuro, e, dentro dessa temática, aborda assuntos de extrema pertinência para a temática estudada. Além destes autores, também utilizamos Donald Woods Winnicott e Zygmunt Bauman, autores fundamentais para a compreensão do contexto do trabalho.

Sendo assim, iniciamos este trabalho com a discussão sobre o tema *Identidade*,

³ Sou responsável por este curso desde fevereiro de 2008.

uma vez que entre os sujeitos da pesquisa, dentro da instituição pesquisada, reina a diversidade

II – Identidade (s)

Para falar dos sujeitos desta pesquisa, que têm histórias de vida diferentes, que vieram de lugares diversos e cujo futuro próximo já pode ser em outro lugar que não seja o Brasil, é fundamental pensar na identidade dessas pessoas e na “identidade” de maneira geral. Assim, fizemos uso da obra *Identidade* do sociólogo Polonês Zygmunt Bauman.

Nesta obra, há uma grande discussão sobre “identidades”, sentimentos de pertencimento a determinadas comunidades, a círculos culturais, à nação. Bauman desenvolve a idéia de que o pertencimento ou a identidade, dependem muito das decisões e do caminho que o indivíduo percorre ao longo da vida, assim, eles não são definitivos e nem sólidos, mas negociáveis.

As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estarem alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.(Bauman, 2005 p.19)

Hoje, encontramos-nos em uma época líquido-moderna, em que o indivíduo, livremente flutuante e desimpedido, é o herói popular, pois estar fixo e ser identificado de modo inflexível e sem alternativa, é algo muito malvisto.

O trecho a seguir busca explicar esse sentimento de identificação, colocando-o como um manto leve que pode ser despido, ou seja, descrevendo-a como algo não definitivo, que depende muito das relações humanas no momento.

“Identificar-se com...” significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar. Assim talvez seja mais prudente portar identidades na forma como Richard Baxter, pregador puritano citado por Marx Weber, propôs que fossem usadas as riquezas mundanas: um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento. Lugares em que o sentimento de pertencimento era tradicionalmente investido (trabalho, família, vizinhança) são indisponíveis ou indignos de confiança, de modo que é improvável que façam calar a sede por convívio ou aplaquem o medo da solidão e do abandono (BAUMAN, 2005, P. 37).

Sendo assim, faz-se mister pensar naqueles que modificam sua identidade de acordo com a própria vontade, escolhendo-as diante de amplas possibilidades, contrariamente àqueles que não têm direito a se manifestar e se encontram oprimidos por identidades impostas pelos outros, identidades de que eles próprios se ressentem mas não têm permissão para abandonar. São elas que estereotipam, estigmatizam, entre outras coisas.

Neste sentido, é importante lembrar que grande parte dos sujeitos da pesquisa provêm, de famílias que escolheram essa identidade, que optaram pela educação francesa, que aceitaram a língua francesa, mas quem fez esta escolha foi a família e não a criança que está submetida a esta educação, enquanto a outra parte, possui apenas esta instituição como fonte de educação em L1(primeira língua). Estes sujeitos são em grande parte os franceses, e assim como as crianças de outras nacionalidade que por tantos motivos estudam na instituição francesa, a língua portuguesa é a língua estrangeira a ser trabalhada.

Mas, diante da escolha da família, é impossível dizer o que acontecerá ao longo dos estudos, por exemplo, de uma criança brasileira que não domina a língua francesa ainda, mas estuda na referida escola, porém, não diminui a capacidade criativa da mesma na busca de sua adaptação e sucesso, criando sua identidade de acordo com sua necessidade e não se sentindo menos ou mais feliz por agir assim.

Diante desta realidade apresentada por Bauman, e no âmbito da pesquisa de mestrado em questão, foram feitas entrevistas com pais de alunos da instituição e também funcionários que possuem filhos estudando na mesma. Estas entrevistas foram realizadas a fim de coletar informações importantes para legitimar e enriquecer a pesquisa. Elas foram realizadas no ano de 2006 com a autorização das pessoas envolvidas e da própria instituição.

No trecho a seguir, percebemos o motivo pelo qual uma das mães buscou a educação francesa para os filhos. É importante ressaltar que essa mãe possui dois filhos na escola e que um deles, o menor, que tinha 5 anos na época da entrevista, estava na escola há dois anos, e chorou por mais de um ano para frequentar a mesma.

Entrevista realizada com Suzana⁴, mãe de Rafel de cinco anos, em novembro de 2006. Suzana é brasileira e tanto ela quanto o marido não falam em francês em casa com os filhos.

Claudia-, O que você considera vantagem ou desvantagem, se houver, de ter os seus filhos estudando em uma escola bilíngüe ?

Suzana- a vantagem que eu acho é a seguinte : eu queria meus filhos estudando em uma escola bilíngüe, o que eu não concordo e o meu salário nem poderia é uma escola americana, mas eu não gosto do método deles, aí também não poderia porque é uma fortuna para mim. O francês eu coloquei por ser bilíngüe e porque eu acho assim, há vantagem perto de uma escola elitizada que sai só com português e é uma fortuna, (não é muita vantagem) eu acho que aqui ele já sai com os dois idiomas fluentes, tem duas línguas a mais também, que saem também, entendeu ? Com um preço que, é caro, mas, quer dizer, para o futuro dele eu acho que é um passo a mais, não sei se eu estou fazendo o certo, entendeu, mas é um passo a mais, porque ele vai ser um bilíngüe sem sofrer, porque já entra na cabeça assim, eles falam, a Valéria fala fluentemente o francês e acho que isso é um ponto a mais para o futuro para a profissão eu acho né ? O francês hoje em dia eu acho que é muito bem aceito, muito bem falado, acho que para o Brasil, pra cá eu acho que tem muita ligação também, assim é o meu modo de pensar né ?

O filho de Suzana, hoje, se adaptou e está se dando muito bem na escola, porém foi possível perceber durante a entrevista, um grande desejo da mãe em que seus filhos estudassem em uma escola estrangeira, não importando qual fosse. Eles moravam perto da instituição pesquisada e o valor da mensalidade era acessível à renda da família.

Os sujeitos dessa pesquisa, assim como o filho de Suzana, convivem diariamente com a diversidade cultural⁵, porém isso é apenas um aspecto que pode influenciar na construção da identidade destes sujeitos, pois, o ser humano tem a capacidade de se inserir, de ser influenciado e de influenciar o meio ambiente onde está no momento, inclusive porque tem sua identidade em constante construção durante toda a vida.

⁴ Todos os nomes apresentados neste trabalho foram modificados a fim de preservar a identidade dos sujeitos pesquisados.

⁵ Conforme apresentamos anteriormente as diversas origens dos alunos da Instituição pesquisada, diversas nacionalidades que convivem em uma mesma sala de aula tendo como língua de união o francês.

Essa idéia do convívio e aceitação da diversidade cultural e linguística , está bastante presente na fala de Anne, professora francesa que viveu no Brasil durante quatro anos e cuja filha mais nova chegou com apenas dez meses. No momento da entrevista, ela falou de suas três filhas, mas no trecho destacado a seguir, demonstra a atitude desta filha mais nova, Céline, em relação à língua portuguesa:

Anne: (...) e hoje, ela não fala jamais português na minha frente, eu percebi escutando ela com a empregada e também a professora me disse que ela fala bem português. Mas há uma coisa, ela começa a ter consciência da língua, Céline, porque ela me...eu não te contei? Meus pais vieram há dois meses e antes deles chegarem ela disse: com meus avós eu devo falar como, em francês ou em português? E é estranho porque nunca... ela sabia, me fala sempre francês, no clube, ela fala sempre em português, foi a primeira vez que ela me perguntou (...) e agora antes de ir na casa de alguém ela me diz: bom, vamos na casa da Irina, com ela eu falo em português. Então hoje ela verbaliza antes em que língua ela deve falar, eu também percebi que ela faz, não é uma mistura de línguas, mas quando ela não sabe a palavra em francês ela diz em português e eu acho que ela faz a mesma coisa em português(...)

O aspecto da verbalização, de dizer qual língua deve falar e com quem, demonstra o nível em que a língua portuguesa estava incorporada na identidade desta menina na ocasião da entrevista. Por mais que parecesse uma coisa natural, que ela pudesse se expressar nas duas línguas facilmente, a escolha da língua não era um processo tão natural assim, pois, era necessário que ela pensasse, refletisse sobre qual língua deveria usar dependendo do lugar e das pessoas com quem iria encontrar.

Cerca de um ano depois da entrevista (que foi realizada em novembro de 2006), percebíamos em Céline uma naturalidade grande ao passar de uma língua a outra em diversas situações. Em julho de 2008, ela e sua família voltaram para a França.

Pensar em “identidade” é fundamental para trabalhar com o tema “educação bilíngüe/estrangeira”, bem como com a heterogeneidade envolvida com o mesmo e a diversidade encontrada no local da pesquisa.

III – O Espaço Pedagógico

Para falar de espaço pedagógico onde a educação e, neste caso, a educação bilíngüe vai acontecer, fizemos uso da obra *Universalité, diversité, sujet dans l'espace pédagogique* de autoria do professor francês Jean Biarnès.

O espaço pedagógico, tal como conceito apresentado por Jean Biarnès (1999), pode ser considerado um espaço que é ao mesmo tempo fechado e infinito. Podemos considerá-lo fechado porque para definí-lo, atribuímos uma soma de fatores que de uma certa forma o especificam, e podemos considerá-lo infinito porque no interior desta especificação, no interior de suas regras de definição, seus conteúdos são inesgotáveis.

Para aprender é necessário se confrontar com modelos, com regras, com leis claramente identificáveis, é necessário também “transgredir” essas leis e regras, o que, neste sentido devemos entender como transformar e criar. Para que a aprendizagem aconteça, o papel do pedagogo ou de quem exerce a função de educador é o de criar esses espaços pedagógicos para o aluno, e, sendo assim, espaços que sejam fechados e infinitos, espaços que se transformarão através da ação ensino-aprendizagem que irá acontecer.

De acordo com o professor Jean Biarnès (1999), o bom professor é o professor suficientemente bom, assim como a *mãe suficientemente boa* de Winnicott (1975). Este professor é aquele que entende qual é a demanda de seus alunos, demonstra que a entendeu, mas não responde diretamente, sua resposta permite que o aluno possa interpretar o que está sendo dito de acordo com as ferramentas que possui. Este é a única possibilidade de abrir um espaço de transformação para esses sujeitos.

No momento em que acontece o encontro pedagógico, professor e aluno estão em espaços culturais diferentes, assim, quando oriundos de uma cultura etnicamente diferente, isso se torna mais aparente, mas é fundamental lembrar que mesmo que ambos venham da mesma cultura, estão em situação de diferença cultural, e isso acontece através das diversas sub-culturas existentes, e é essa diferença que possibilita o diálogo e o crescimento uma vez que, segundo Biarnès (1999), cada sujeito tem uma maneira diferente de pensar o mundo e de se pensar no mundo, nessa idéia reside a diversidade, e

é essa diversidade que encontramos de maneira bastante presente na instituição pesquisada.

IV - A educação bilíngüe

Para falar sobre educação bilíngüe, faremos uso, principalmente dos autores franceses Claude Hagège e Jean Duverger.

De acordo com Hagège, a infância é um período muito rico e no caso da aprendizagem bilíngüe, suas chances de sucesso estão diretamente ligadas ao cuidado de lhe favorecer desde o início da vida. Cada língua seleciona apenas uma porção variável de oposições fônicas que o aparelho articulatório pode produzir e que o ouvido pode perceber, porém, o número de sons que a criança é capaz de discriminar, é superior àquele apresentado pelas produções lingüísticas de seu entorno. Podemos considerar inata essa aptidão, além de compreender que a aprendizagem da primeira língua durante o desenvolvimento da criança explorará apenas uma parte das potencialidades inscritas em seu código genético, o que confirma a capacidade da criança em aprender mais de uma língua de maneira tranqüila. Isso foi perfeitamente visível na escola pesquisada, uma vez que todos os alunos falam mais de uma língua, salvo aqueles da escola maternal, brasileiros, que estão em fase de aquisição da segunda língua (no caso, da língua francesa).

Existe na criança uma pulsão de imitação que desempenha um papel considerável na aprendizagem das línguas e em toda a vida social, porém, seja ela mesma inscrita no código genético, no caso das crianças que são filhas de casais lingüisticamente mistos, ou criada pelo meio ambiente, a criança só desencadeia um processo de imitação quando solicitada. Dessa forma, a aptidão na linguagem, assim como a pulsão de imitar o comportamento alheio, leva a aquisição de uma língua somente se o meio lhe permite um campo para se manifestar.

Sendo assim, é possível considerar que a instituição pesquisada é um grande campo de imitação e conseqüentemente de desenvolvimento de línguas.

Conforme citado anteriormente, a instituição pesquisada recebe alunos franceses, alunos brasileiros, alunos franco-brasileiros e alunos de outras nacionalidades, ou seja,

muitos desses alunos são filhos de casais linguisticamente mistos, e assim, conforme Hagège (1996), os filhos destes casais nascem em ambiente favorável ao desenvolvimento de línguas, e ainda na escola primária é possível perceber a facilidade com a qual vão de uma língua à outra, bem como a vivacidade natural da fala e o cuidado e sucesso no caso da aprendizagem de uma terceira língua. A criança pode achar mais fácil a utilização da língua do pai ou da mãe, dependendo da relação que tiver com um e com outro, ou então, pode mudar de língua segundo o tipo de aproveitamento que espera de uma ou de outra, uma vez que descobre rápido para que as línguas servem e qual partido pode tirar de uma boa escolha, de acordo com quem ela deseja interrogar, informar, contar, obter alguma coisa, dar uma ordem a ser executada imediatamente, como por exemplo, nos jogos. Ou seja, há uma ligação estreita entre a língua escolhida e a função que a criança pretende privilegiar.

Um dos pontos mais importantes apresentados por Hagège (1996), e a partir do qual é possível iniciar uma importante reflexão, acerca dos estudos sobre a linguagem das crianças bilíngües, vem a partir da obra de J. Ronjat (1913), descrita pelo professor francês. O pioneirismo do autor ocorreu, dentre outras razões, pelo fato dele próprio ter se casado com uma alemã e queria que seu filho tivesse as duas línguas, por isso se aconselhou com seu colega, o fonético M. Grammont, que o orientou para que aplicasse, desde o berço, uma regra muito simples: a primeira língua de cada um, a do pai e a da mãe, deve ser utilizada no momento de falar com a criança, e não a língua do outro, ou seja, o “princípio de Ronjat”.

Neste sentido, desde então, espera-se melhor resultado se, desde o início da infância, for aplicado o princípio de Ronjat, uma associação automática entre uma língua e uma pessoa de seu meio. A criança pode mudar de língua quando for se referir a um fato, uma conversa que se passou em uma outra língua como o exemplo encontrado em Hagège (1996) de Céline, bilíngüe franco-alemã, que certo dia contou em francês à sua mãe francófona como foi seu dia na escola franco-alemã, porém, abandonou o francês quando apareceu o caso sobre um amigo que aconteceu em alemão, ou então para se referir a algum fato que aconteceu na referida língua.

A maior parte das crianças bilíngües precoces, na idade pré-escolar, pertence às famílias que possuem meios de viajar abundantemente, como pudemos constatar na

instituição em que todo o trabalho de campo da pesquisa em nível de mestrado em questão, foi realizado.

Para completar, é importante considerar a teoria do autor francês Jean Duverger, que trabalha a questão do ensino e aprendizagem de e em L2 (segunda língua), em sua obra *L'enseignement en classe bilingue*, de 2005, onde afirma que inúmeros são os benefícios que um ensino bilíngue pode trazer, sendo eles culturais, sócio econômicos e lingüísticos.

Para Duverger (2005), usar a segunda língua⁶ para aprender uma determinada matéria, significa torná-la funcional e necessária, mudando de *status* e sendo ferramenta de aprendizagem. Assim, aproxima-se da primeira língua no sentido da comunicação e da aprendizagem.

O aluno pode aprendê-la melhor, simplesmente, porque a utiliza, porque precisa dela. Assim a L2 não se torna uma língua passiva, que o aluno aprende apenas por aprender. E essa idéia de utilizá-la para aprender, ou do aprendizado pela necessidade, lembra um princípio muito conhecido da pedagogia: manipular para aprender.

O professor francês afirma ainda que Goethe ressaltava que ninguém poderia conhecer sua língua materna se não conhecesse uma língua estrangeira, e, nesse sentido, apresenta marcas feitas pelos professores que trabalham neste contexto. Em suas investigações constatou que os bons alunos em L2 são igualmente bons em L1 (primeira língua), e que experiências demonstram que se a aprendizagem em L2 acontece na escola primária, ela pode “parasitar” a aprendizagem da língua materna. Além disso, o fato de aprender em L2, mesmo que parcialmente, caso isso seja feito em alguma disciplina especificamente, podia ajudar muito a compreender o funcionamento de sua língua materna.

Além disso, quando um aluno bilíngüe vai aprender uma terceira ou quarta língua, ele apresentará muito mais facilidade, pois terá desenvolvido recursos linguísticos necessários para aquisição de outras línguas, ou seja, terá desenvolvido sua competência metalingüística.

⁶ No âmbito desta pesquisa, falamos em segunda língua quando no referirmos à língua francesa para os alunos brasileiros ou da língua portuguesa em relação aos alunos franceses. Ambos em diferentes momentos estarão em contato direto em nível de trabalho pedagógico com essa L2.

IV – As interferências

No caso da instituição pesquisada e dos sujeitos em questão, há uma grande peculiaridade que apenas percebemos ao observar sistematicamente as conversas entre os alunos, e também entre os alunos e os professores. Também é interessante notar que a língua mais falada nos momentos de brincadeira na instituição pesquisada, é a língua portuguesa, e que rapidamente palavras deste idioma vão sendo incorporadas à fala destes sujeitos mesmo que o diálogo seja em francês. Palavras como “saudade”, “oi”, “tchau” são rapidamente percebidas nestes diálogos.

Durante as observações, percebemos que mesmo as crianças bem pequenas já percebem que há diferença lingüística entre as pessoas que convivem nesta escola, e percebem também que o outro, diferente, dirige um olhar mais específico à elas, o que as estimula a buscar se comunicar na língua deste outro, mesmo que em princípio isso seja uma tarefa difícil, como nos casos a seguir, de relatórios de conversas informais registrados. O ponto mais importante destes relatos é o esforço das crianças para conseguir se comunicar em outra língua e sobretudo para que o outro, lingüisticamente diferente dela, possa compreendê-la.

Branca, aluna francesa, que na ocasião da conversa estava com 5 anos, chegou ao Brasil com três anos, vinda do Panamá, por isso dominava o idioma espanhol além do francês. Em um determinado momento após tomar o lanche e brincar, percebendo que era hora de entrar na sala de aula, perguntou: *posso sonar a cloche?* Nesta pergunta, Branca conjugou o verbo *sonner* que é um verbo em francês, da mesma forma que se conjuga em português, e usou a palavra *cloche* em *francês* mesmo. Branca perguntou se poderia tocar o sino, já que havia percebido que era horário de fazê-lo.

Assim como essa situação de Branca, de uma tentativa de aproximação das duas línguas, outros casos semelhantes surgiram entre as conversas, Além destes exemplos tiveram outros que seguiram este mesmo estilo. Os exemplos a seguir são falas de crianças francesas que estavam conversando com a auxiliar de sala em português:

- tem que procurar a *ombra* (tem que procurar a sombra).
- posso *donar?* (posso dar?)
- tinha um menino com *platte* aqui (tinha um menino com gesso aqui).

- eu não rameneu meu cahier (eu não trouxe meu caderno).
- nós vamos *scotear* ou é a *maîtresse*? (nós vamos colocar o durex ou é a professora?)
- Deixei no seu “burro” (querendo dizer: deixei no seu *bureau*, mesa. – aqui a criança tentou aproximar a pronúncia da língua portuguesa da língua francesa que ela dominava bem).

Um outro exemplo bastante interessante, aconteceu na aula de *portugais accueil*⁷ no primeiro semestre de 2008, quando houve uma confusão enorme com as palavras gato e *gatêau* (bolo), e com a palavra chá em português e *chat* (gato em francês), entre outras palavras mais complicadas para aprender, porém no momento em que a confusão aconteceu, foi possível ver nos alunos a admiração em perceber que línguas diferentes possuem palavras quase iguais mesmo que com sentidos diferentes, mas pela proximidade dos sons, eles puderam falar sem problemas e acharam bastante engraçado.

Através dos exemplos citados acima, podemos perceber a aproximação das duas línguas e que a diferença entre elas é exatamente a ferramenta de aproximação, utilizada pelos sujeitos da pesquisa para se comunicar. Essa diferença, nos casos acima, foi demonstrada pela conjugação dos verbos, pela pronúncia, pelas palavras escolhidas, que buscavam se aproximar da língua diferente. Como nos disse Jean Duverger (2005), essas interferências não podem ser temidas, pois são erros inteligentes, elas se mobilizam, se unem para expressar alguma coisa. Duverger chama essa maneira de se expressar com as duas línguas de “inter-língua”, e coloca que ela é provisória, é emergente.

Assim, consideramos, da mesma forma que Biarnès (1999), que é através do confronto com a diferença que se constrói o ser humano e os saberes que o mesmo tem sobre si e sobre o mundo, e essa construção é, na verdade, uma co-construção, pois não aprendemos sozinhos, não aprendemos de nós mesmos e sim, do outro, através do outro.

Nesta direção, este professor francês afirma que enquanto ser humano, estamos constantemente em inter-relação: sujeito e ambiente, ou ainda, cultura e personalidade.

⁷ Curso de português, em nível básico, oferecido aos alunos franceses quando os mesmos chegam ao Brasil e à escola.

VI – Concluindo

Com a finalidade de tentar explicar o que foi apresentado anteriormente, é de fundamental importância o uso da teoria do psicanalista inglês Donald. Woods Winnicott. De acordo com Winnicott, em sua obra, *O brincar e a realidade*, é no brincar, que o indivíduo, adulto ou criança pode ser criativo, usar sua personalidade integral e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu eu, denominado *self*, e consegue atuar do modo mais saudável possível frente aos instrumentos culturais disponíveis. O psicanalista inglês aborda a relação mãe e bebê, e através dela, a criatividade que a criança deve desenvolver para enfrentar as situações da vida. Ele afirma que essa criatividade tem que ser desenvolvida desde bebê, quando este começa a entender que ele e a mãe não formam um mesmo corpo, e então começa a buscar meios para “sobreviver” externamente a essa mãe. Neste sentido de sobrevivência externa à mãe e na constante busca de meios de sobrevivência, encontra-se o caso da (i)migração que faz com que o sujeito se depare com novas regras, nos novos meios.

Quando esta relação de criatividade/sobrevivência não ocorre de maneira satisfatória na mais tenra infância, segundo pesquisas inspiradas em Winnicott, desenvolvidas pelo Professor Doutor Jean Biarnès da *Université Paris Nord*, a diversidade cultural, sob o paradigma da Antropologia, se constrói com significado, por meio da cultura. Cultura aqui entendida como a forma de compreensão do mundo e as normas do seu grupo. A criança nasce com as regras e aprende o significado cultural dessas regras. Essa diferença funda a diversidade.

Pensando também em Winnicott, percebemos que as crianças observadas apresentavam maior facilidade para aprender a língua estrangeira na hora do brincar, seja esse brincar um jogo coletivo ou sozinha, assim, acontece tanto o brincar solitário, quando a criança com a ajuda de um brinquedo “fala” ou brinca usando a língua estrangeira, quanto o brincar de ser diferente, no momento em que está falando essa outra língua estrangeira. Assumir uma identidade estudando numa escola estrangeira onde não se fala a língua conhecida, pode ser saudável quando a postura assumida é a do brincar. O brincar de ser diferente. Para tanto, é preciso que o outro seja “agradável”, é preciso que haja o desejo de ser como o outro.

Para finalizar este artigo, apresentamos trechos do depoimento de uma professora francesa que viveu no Brasil durante cinco anos e que trabalhou na Instituição onde a pesquisa foi realizada, e, após voltar para a França, quando questionada sobre a aprendizagem de uma segunda língua pelas crianças (de 5 e 6 anos, idade com a qual ela trabalhava), nos enviou um depoimento, cujos trechos mais relevantes se encontram a seguir:

(...). En fait, je peux donner une opinion mais elle ne s'appuie que sur du vécu et non sur une étude ou sur une recherche . Mon intuition c'est que les jeunes enfants (- de 5/6 ans) abordent une autre langue avec les mêmes compétences, les mêmes goûts, le même intérêt ou les mêmes rejets, les mêmes refus qu'ils ont portés à leur propre langue(...)

(...) eu posso dar uma opinião, mas ela se fundamenta apenas sobre experiências vividas e não sobre um estudo ou sobre uma pesquisa. Minha intuição é de que as crianças pequenas (de 5 e 6 anos) abordam uma outra língua com as mesmas competências, os mesmos gostos, o mesmo interesse ou falta de interesse, as mesmas recusas que eles possuem na sua própria língua (...)

(...) En bref :J'ai l'impression qu'on se comporte dans une autre langue comme dans la sienne (...) Et que ,finalement, la curiosité aux autres, aux choses, le goût de la rencontre, de l'observation sont aussi importants pour apprendre une autre langue⁸.

(...)Eu tenho a impressão que nos comportamos em uma outra língua como na nossa (..) E que, finalmente, a curiosidade em relação aos outros, o gosto do encontro, da observação, são também muito importantes para aprender uma outra língua.

Observação final: Este artigo foi escrito em agosto de 2008, fase de finalização do mestrado, cuja pesquisa foi apresentada aqui.

⁸ Depoimento concedido pela professora francesa via Internet em 26/03/2007.

Bibliografia:

- BIARNÈS, Jean. (2003a). Entrevista. Revista Entitès, Paris, n. 7, p. 18-21, maio.
- _____. (2003b). Espaço de criação e diversidade. In: I Ciclo de Palestras Populações Migrantes no Brasil e no Mundo. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. [S.l.: s.n.]
- _____. Jean. *Sorcier, Heros, Migrant ou ...exclu TOME I une approche anthropologique de l'exclusion et de son rapport à l'éducation*. Paris, 1995.
- _____. Jean. *O ser e as letras: da voz à letra, um caminho que construímos todos*. Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, Jul./ dez. 1998.
- _____. Jean. *Universalité, Diversité, Sujet Dans L'espace Pédagogique*. Paris, L', Harmattan, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.
- DUVERGER, Jean. *L'enseignement en classe bilingue*. Paris, Hachette, 2005
- GEIGER-JAILLET, Anemone. *Le Bilinguisme pour grandir – Naître bilingue ou le devenir par l'école*. Paris, L', Harmattan, 2005.
- HAGÈGE, Claude. *L'enfant aux deux langues*. Paris, Editions Odile Jacob, 1996
- SILVA, Nilce da. *Exclusão Social – Espaço de Criação como Alternativa Educacional*. São Paulo, Ieditora, 2004.
- WINNICOTT, Donald Woods. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.
- _____, Donald Woods. *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971